

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CENTRO DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

ANA LÚCIA DA SILVA GUIMARÃES
ELIZABETE BELARMINO DA SILVA

**A CONSTRUÇÃO DE UM CADERNO PEDAGÓGICO PARA O ENSINO DE
GEOGRAFIA NO 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL: PAISAGEM E
IDENTIDADE NA CIDADE DE PILAR NO ESTADO DE ALAGOAS.**

Maceió AL
2025

ANA LÚCIA DA SILVA GUIMARÃES

ELIZABETE BELARMINO DA SILVA

**A CONSTRUÇÃO DE UM CADERNO PEDAGÓGICO PARA O ENSINO DE
GEOGRAFIA NO 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL: PAISAGEM E
IDENTIDADE NA CIDADE DE PILAR NO ESTADO DE ALAGOAS.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Pedagogia da Universidade
Federal de Alagoas, como requisito parcial à
obtenção do título de Bacharelado/Licenciatura
em Pedagogia.

Orientadora: Prof. Dra. Érica Renata Vilela De
Morais.

Maceió, AL

2025

Catálogo na Fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Cláudio César Temóteo Galvino – CRB4: 1459

G963c

Guimarães, Ana Lúcia da Silva.

A construção de um caderno pedagógico para o ensino de geografia no 5º ano do ensino fundamental: paisagem e identidade na cidade de Pilar no Estado de Alagoas / Ana Lúcia da Silva Guimarães; Elizabete Belarmino da Silva. – 2025.

47 f. : il.

Orientadora: Érica Renata Vilela de Moraes.

Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal de Alagoas. Centro de Educação. Maceió, 2025.

Bibliografia: f. 42-43.

Apêndices: f. 44-47.

1. Geografia escolar. 2. Livro didático. 3. Paisagem. 4. Atividades pedagógicas. 5. Identidade local. I. Título.

CDU: 372.850

ANA LÚCIA DA SILVA GUIMARÃES

ELIZABETE BELARMINO DA SILVA

**A CONSTRUÇÃO DE UM CADERNO PEDAGÓGICO PARA O ENSINO DE
GEOGRAFIA NO 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL: paisagem e identidade
na cidade de Pilar no estado de Alagoas**

Trabalho apresentado ao Colegiado do Curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas como requisito parcial para obtenção da nota final do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 10/10/2025.

Orientadora: Prof.. Dra. Érica Renata Vilela de Moraes (CEDU/UFAL)

Comissão Examinadora



Documento assinado digitalmente

ERICA RENATA VILELA DE MORAIS

Data: 20/10/2025 17:06:56-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Erica Renata Vilela de Moraes (CEDU/UFAL)

Presidente



Documento assinado digitalmente

VALERIA CAMPOS CAVALCANTE

Data: 10/10/2025 11:55:00-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Valéria Campos Cavalcante (CEDU/UFAL)

2º. Membro



Documento assinado digitalmente

LUIZA CRISTINA SILVA SILVA

Data: 12/10/2025 06:49:25-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Luiza Cristina Silva Silva (CEDU/UFAL)

3º. Membro

Maceió, AL

2025

Á Deus, pela força e sabedoria durante toda a
nossa trajetória acadêmica.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos primeiramente a Deus, por nos conceder força, coragem e perseverança durante toda a nossa trajetória acadêmica.

Às nossas famílias, pelo apoio incondicional, e incentivo constante para seguirmos em frente.

Aos nossos professores, em especial Prof^a. Dra. Érica Renata Vilela De Moraes, pela orientação, paciência e dedicação ao longo da construção deste trabalho.

À nossa instituição federal de ensino, pela oportunidade de formação pública, gratuita e de qualidade, que nos possibilitou o acesso ao conhecimento e reafirmou em nós a importância da educação como instrumento de transformação social.

Aos colegas de curso e amigos, pela parceria, pela troca de experiências e pelos momentos de companheirismo que tornaram essa caminhada mais leve e enriquecedora.

E, por fim, a todos que, de alguma forma, contribuíram para a concretização deste trabalho. Deixamos aqui nossa sincera gratidão.

“Tudo o que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. É formada não apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons etc.” (Santos, 2014, p. 67-68).

RESUMO

O estudo aborda o ensino de Geografia em interface com o conceito de educação na cidade. O objetivo foi investigar as contribuições do Complexo Cultural e Religioso Dilma Canuto para o ensino de Geografia no 5º ano do Ensino Fundamental, na cidade de Pilar, em Alagoas. Com base em uma abordagem qualitativa, a investigação toma como referência a categoria paisagem, que permite analisar as transformações sociais, urbanas e culturais e compreender suas potencialidades no processo educativo. Tais análises partem da premissa de que os espaços e tempos da cidade sintetizam elementos de uma grande narrativa urbana, que revela o potencial pedagógico para abordar a história, os conflitos, os valores, as memórias, as manifestações artísticas e religiosas e outros aspectos do ser humano. Nesse percurso, evidencia-se o descompasso entre o modo como a paisagem é abordada nos livros didáticos e as práticas pedagógicas no cotidiano escolar, considerando ainda a pouca ênfase dada às dimensões regionais e locais. Com o intuito de explorar tais possibilidades, elaborou-se um caderno de atividades que visa favorecer a contextualização dos conteúdos e aproximar os estudantes do espaço em que vivem. Tomamos como apoio teórico e metodológico contribuições de Milton Santos (2001, 2014), Helena Callai (2005) e Lana Cavalcanti (2013); para subsidiar nossas análises que evidenciam a importância de práticas educativas que aproximem os sujeitos da escola com os espaços da cidade numa perspectiva crítica e emancipatória do conhecimento. A proposta das atividades foi discutida de forma colaborativa com os docentes da educação básica, que contribuíram para sua validação e aprimoramento, fortalecendo a prática pedagógica e promovendo reflexão crítica sobre interações espaciais, transformações históricas e práticas sociais.

Palavras-chave: Geografia escolar. Livro didático. Paisagem. Atividades pedagógicas. Identidade local. Educação.

ABSTRACT

The study addresses the teaching of Geography in interface with the concept of education in the city. The objective was to investigate the contributions of the Dilma Canuto Cultural and Religious Complex to the teaching of Geography in the 5th grade of Elementary School, in the city of Pilar, Alagoas. Based on a qualitative approach, the investigation takes as a reference the category of landscape, which allows for the analysis of social, urban, and cultural transformations and the understanding of their potential in the educational process. Such analyses stem from the premise that the spaces and times of the city synthesize elements of a grand urban narrative, revealing the pedagogical potential to address history, conflicts, values, memories, as well as artistic and religious manifestations, among other aspects of human life. In this process, the gap between the way landscape is addressed in textbooks and pedagogical practices in everyday school life becomes evident, also considering the limited emphasis given to regional and local dimensions. In order to explore these possibilities, an activity workbook was developed to foster the contextualization of content and bring students closer to the space in which they live. Theoretical and methodological support was drawn from the contributions of Milton Santos (2001, 2014), Helena Callai (2005), and Lana Cavalcanti (2013) to underpin our analyses, which highlight the importance of educational practices that connect students and schools with urban spaces from a critical and emancipatory perspective of knowledge. The proposed activities were discussed collaboratively with basic education teachers, who contributed to their validation and improvement, thus strengthening pedagogical practice and promoting critical reflection on spatial interactions, historical transformations, and social practices.

Keywords: School geography. Textbook. Landscape. Pedagogical activities. Local identity. Education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	- Capa do Livro ÁPIS MAIS - Manual do professor	21
Figura 2	- Atividade introdutória	22
Figura 3	- Representação de altitudes através da paisagem.....	22
Figura 4	- As transformações da paisagem urbana.....	23
Figura 5	- Estátua de Nossa Senhora do Pilar (esquerda) e Placa em homenagem a Dilma Canuto (direita).....	28
Figura 6	- Vista da via sacra no Santo Cruzeiro.....	29
Figura 7	- Placa em homenagem ao mestre João das Alagoas (esquerda) e Peça em barro parte da via sacra e ao fundo estátua de Nossa Senhora do Pilar (direita).....	30
Figura 8	- Cidade de Pilar vista do alto do Cruzeiro da cidade de Pilar.....	31
Figura 9	- Atividade do Caderno Pedagógico.....	32
Figura 10	- Estudantes Ana, Elizabete e orientadora Prof. Erica ao fundo estátua de Nossa Senhora do Pilar.....	36
Figura 11	- Quiz do Caderno Pedagógico.....	37
Figura 12	- Encontro com as docentes em Pilar, Alagoas.....	39
Figura 13	- Roda de conversa com as docentes em Pilar, Alagoas.....	40

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

SAEB	Sistema de Avaliação da Educação Básica
SAVEAL	Sistema de Avaliação Educacional de Alagoas

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
2	METODOLOGIA.....	13
3	A PAISAGEM NO ENSINO DE GEOGRAFIA NOS ANOS INICIAIS.....	15
3.1	O conceito de paisagem.....	17
4	COMO O TEMA PAISAGEM É ABORDADO NO LIVRO DIDÁTICO DO 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL.....	20
5	PAISAGEM QUE EDUCA: CONSTRUÇÃO DE UM CADERNO PEDAGÓGICO PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA	27
5.1	O que vamos aprender com essas atividades?.....	27
5.2	Paisagem, identidade e educação: Pilar como uma cidade educativa.....	28
5.3	Estratégias e possibilidades didáticas e pedagógicas.....	32
5.4	Explorando possibilidades de leitura do espaço.....	33
5.5	Validação da proposta do caderno pedagógico junto às docentes.....	38
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
	REFERÊNCIAS	42
	APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS DOCENTES.....	44
	APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	45

1 INTRODUÇÃO

A Geografia, enquanto componente curricular, tem o papel de mediar a compreensão que os sujeitos constroem sobre os espaços que habitam, promovendo o desenvolvimento de uma consciência crítica, territorial e cidadã. No contexto do Ensino Fundamental, especialmente nos anos iniciais, é essencial que os estudantes sejam estimulados a perceber as paisagens não apenas como cenários visuais, mas como expressões vivas das relações entre natureza, sociedade, cultura e história. Nessa perspectiva, o ensino de Geografia não pode se restringir à transmissão de conceitos, à leitura isolada de imagens e a uma compreensão fragmentada da realidade, mas sim, assumir um papel de mediação crítica, onde os estudantes são convidados a refletir sobre as interações no espaço, bem como as transformações históricas e as práticas sociais.

Entretanto, observa-se um descompasso entre o potencial pedagógico do ensino da paisagem e a forma como ela é frequentemente abordada nos livros didáticos e nas práticas escolares. Muitas vezes, prevalece uma abordagem generalista, que desconsidera as especificidades regionais e a vivência cotidiana dos estudantes. Essa lacuna reforça a necessidade de propostas educativas que valorizem o espaço vivido construindo experiências significativas e contextualizadas dentro da realidade dos estudantes.

Nesse estudo, o ensino de Geografia é abordado em diálogo com o conceito de educação na cidade, considerando a própria cidade como espaço formativo, cheio de experiências e saberes. A categoria paisagem é tomada como referência, compreendida como expressão das relações sociais, históricas, culturais e naturais que se manifestam no espaço urbano. Desse modo, a paisagem se apresenta como eixo central para pensar a cidade como recurso pedagógico e campo de aprendizagens significativas.

Tomando como base os estudos da geografia crítica, defendida por autores como: Milton Santos (2001, 2014), Helena Callai (2005) e Lana Cavalcanti (2013), trabalhar com a paisagem local favorece a construção de aprendizagens mais significativas, críticas e contextualizadas aproximando o ensino de Geografia das vivências cotidianas dos estudantes, superando a abordagem tradicional centrada apenas em conceitos abstratos e conteúdos generalistas presentes nos livros didáticos.

Assim, ao considerar o ensino de Geografia em diálogo com a cidade, destaca-se o município de Pilar, em Alagoas, que apresenta um rico patrimônio cultural e religioso. A partir desse lugar, perguntamos: Quais as possibilidades didáticas e pedagógicas podem ser desenvolvidas para o ensino de Geografia com foco no 5º ano do Ensino Fundamental?

Entre os espaços da cidade com potencial educativo para o ensino de Geografia, destacamos o Complexo Cultural e Religioso Dilma Canuto, marcado por memória, identidade e práticas sociais. Assim, delimitamos como objetivo geral da pesquisa: investigar as contribuições do Complexo Cultural e Religioso Dilma Canuto para o ensino de Geografia no 5º ano do Ensino Fundamental, na cidade de Pilar, em Alagoas, explorando suas possibilidades educativas. Como objetivos específicos, destacam-se: analisar a categoria paisagem no ensino de Geografia, relacionando-a às vivências e significados a partir do Complexo Cultural e Religioso Dilma Canuto e elaborar uma proposta educativa em formato de caderno pedagógico, com atividades e roteiros didáticos que favoreçam a exploração da paisagem e do espaço da cidade no ensino de Geografia do 5º ano do Ensino Fundamental.

A elaboração de um caderno pedagógico voltado a esse fim atende não apenas a uma lacuna existente, mas também fortalece o papel da escola como espaço de formação cidadã, crítica e emancipatória. O caderno pedagógico apresenta atividades, explora estratégias e possibilidades didáticas e pedagógicas para o ensino de Geografia com foco no 5º ano do Ensino Fundamental. Para atingir os objetivos da pesquisa e da investigação, percorremos um caminho metodológico que será apresentado a seguir.

2 METODOLOGIA

A elaboração do Caderno Pedagógico partiu da necessidade de aproximar o ensino de Geografia da realidade vivida pelos estudantes, nascendo a partir da observação de que os livros didáticos, embora importantes, muitas vezes não contemplam a riqueza cultural e histórica do espaço local. A origem do problema foi percebida a partir da disciplina de Saberes e Didática do Ensino de Geografia 1 e 2. Na disciplina de geografia 1, optou-se por trabalhar a categoria paisagem, direcionada ao 5º ano do Ensino Fundamental, a partir disso, escolhemos como objeto de estudo o Complexo Cultural e Religioso Dilma Moreira Canuto, localizado na cidade de Pilar, em Alagoas.

Durante a disciplina de Saberes e Didática do Ensino de Geografia 2, surge a proposta de elaboração de um Caderno Pedagógico, incluindo a elaboração e socialização de roteiros pedagógicos de visita ou propostas de intervenção educativa em espaços com potencial para o ensino de Geografia. O caderno foi inicialmente elaborado e apresentado como atividade de conclusão da disciplina e, foi utilizado para dar continuidade nesta pesquisa, permitindo que o material fosse aprimorado e os estudos avançassem.

Para o desenvolvimento dessa proposta, a pesquisa adotou a abordagem qualitativa, tomando como eixo teórico a categoria paisagem, entendida aqui como síntese das relações sociais, urbanas, culturais e históricas, à luz das contribuições de Milton Santos (2001, 2014), Helena Callai (2005) e Lana Cavalcanti (2013).

Como parte desta pesquisa, foi realizado um momento de diálogo com os docentes da educação básica, tornando o estudo de caráter colaborativo. Tal perspectiva dialoga com a proposta de Ibiapina (2008), que a define como um processo de produção coletiva de conhecimento fundamentado no diálogo entre os saberes acadêmicos e os saberes práticos, visando à transformação da realidade investigada. Para a autora, “a pesquisa colaborativa busca romper a distância entre pesquisador e sujeitos pesquisados, promovendo a construção conjunta de saberes e práticas.” Ibiapina (2008, p. 34).

Segundo Ibiapina (2008), essa abordagem envolve professores, pesquisadores e outros atores educacionais desde a identificação do problema até a implementação das soluções, permitindo que a investigação ocorra de forma simultânea à intervenção pedagógica. Contudo, não necessariamente todos devem participar de todas as atividades de maneira igualitária, mas que dentro de um projeto comum, preste sua contribuição. Assim, a pesquisa não se limita a descrever a realidade, mas também a modificá-la no decorrer do processo. A atividade ocorreu em uma escola municipal localizada no município de Pilar, Alagoas, com a participação de três professoras que atuam no 5º ano do Ensino Fundamental, envolvendo duas professoras residentes na capital Maceió e uma professora que vive em Pilar há 19 anos e atua desde o último concurso público realizado em 2019. Entre as participantes, destaca-se uma docente doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Alagoas (PPGE/UFAL, 2024), integrante da linha de pesquisa Educação, Culturas e Currículo e do Grupo de Pesquisa sobre Juventude, Culturas e Formação, com experiência em diferentes níveis de ensino e atuação em programas como PIBID e o Escola 10, além de exercer funções de tutoria em cursos de graduação e extensão. As demais professoras são pedagogas, sendo que uma delas possui pós-graduação em Psicopedagogia Institucional e Clínica e atualmente cursa Letras – Português, e a outra é pedagoga com trajetória consolidada na educação básica do município.

O diálogo com as professoras teve como objetivo analisar a aplicabilidade e a clareza das propostas contidas no caderno pedagógico elaborado, bem como verificar sua viabilidade no contexto escolar. Essa abordagem prática encontra sustentação teórica em Ibiapina (2008), que enfatiza a importância de “valorizar o professor como parceiro da investigação, como partícipe do processo de pesquisa, à medida que ele coopera com o pesquisador no

desenvolvimento de práticas investigativas”. Ibiapina (2008, p. 12). A autora complementa essa ideia ao definir a investigação como “a prática alvo de intervenção emancipatória em que tanto os investigadores quanto os docentes tomam parte do processo investigativo”, Ibiapina (2008, p. 12).

Para tanto, foi elaborado um roteiro com seis perguntas norteadoras, que possibilitaram identificar as percepções das docentes acerca da proposta, seus potenciais e eventuais limitações. Essa etapa foi de suma importância para o alcance dos objetivos da pesquisa, uma vez que possibilitou ouvir a perspectiva das professoras em relação à prática pedagógica, considerando a realidade e desafios do contexto escolar em que estão inseridas.

No capítulo seguinte, será apresentado o referencial teórico que fundamentou este estudo e embasou a elaboração da proposta pedagógica. Serão discutidos conceitos relacionados à categoria paisagem, à educação na cidade e às possibilidades educativas de espaços urbanos, bem como contribuições de autores que abordam a relação entre ensino de Geografia, cultura e identidade. Esse referencial sustenta a proposta do caderno pedagógico e orienta a análise das estratégias didáticas para o 5º ano do Ensino Fundamental, articulando teoria e prática pedagógica.

3 A PAISAGEM NO ENSINO DE GEOGRAFIA NOS ANOS INICIAIS

A paisagem, enquanto ensino fundamental da análise geográfica, ultrapassa a simples percepção visual, constituindo-se como expressão das relações entre sociedade e natureza. Na perspectiva do ensino da Geografia, a leitura da paisagem é essencial para compreender o espaço vivido, pois “são as paisagens que mostram, por meio de sua aparência, a história da população que ali vive, os recursos naturais de que dispõe e a forma como se utiliza de tais recursos” (Callai, 2005, p. 238). O ensino de geografia nos anos iniciais do ensino fundamental tem como finalidade possibilitar que o estudante desenvolva uma leitura crítica do espaço em que vive. Mais do que memorizar conceitos ou reproduzir classificações, trata-se de compreender que o espaço geográfico é resultado da ação humana em interação com a natureza, permeado por relações históricas, sociais e culturais. Assim, como defende Callai (2005, p. 229):

Ler o mundo da vida, ler o espaço e compreender que as paisagens que podemos ver são resultado da vida em sociedade, dos homens na busca da sua sobrevivência e da satisfação das suas necessidades. Em linhas gerais, esse é o papel da geografia na escola (Callai, 2005, p. 229).

Essa perspectiva amplia o papel da Geografia escolar, aproximando-a da realidade vivida pelo estudante e tornando-a instrumento para interpretar o mundo e sua dinâmica. Ao propor que a geografia nos anos iniciais seja entendida como prática de leitura de mundo, permite que os estudantes sejam incentivados a compreender o espaço como produto da vida em sociedade, “e pode-se dizer que isso já nasce com a criança [...] Desde que a criança nasce, os seus contatos com o mundo, seja por intermédio da mãe, seja pelo esforço da própria criança, buscam a conquista de um espaço” (Callai, 2005, p. 233).

Nesse sentido, a paisagem não deve ser entendida como algo neutro ou meramente estético, ou submetido apenas ao belo, mas como resultado concreto das dinâmicas sociais e naturais que se materializam no espaço. Assim, ao trabalhar com a paisagem na escola, o professor possibilita que o estudante vá além da observação imediata e superficial, desenvolvendo sua capacidade crítica para compreender que “ler a paisagem exige critérios a serem considerados e seguidos” (Callai, 2005, p. 238), o que contribui para que a criança perceba a historicidade presente no espaço e reconheça-se como sujeito que participa ativamente de sua transformação. Diante disso, a autora, mostra que:

[...]Portanto a contribuição da geografia no nível inicial do ensino, no qual a criança passa pelo processo de alfabetização, não se dá como acessória, mas como um componente significativo (assim como as demais áreas) na busca do ler e do escrever. Ao ler o espaço, a criança estará lendo a sua própria história, representada concretamente pelo que resulta das forças sociais e, particularmente, pela vivência de seus antepassados e dos grupos com os quais convive atualmente (Callai, 2005, p. 237).

Dessa forma, a Geografia escolar deve estimular a curiosidade, a indagação e a reflexão, valorizando os saberes que os estudantes já possuem e incentivando-o a buscar novas compreensões. Neste sentido, Freire (2001, p. 97, apud Callai, 2005, p. 240) também destaca que “o exercício da curiosidade a faz mais criticamente curiosa, mais metodicamente ‘perseguidora’ do seu objeto”. Ou seja, o ensino de Geografia deve promover uma curiosidade crítica e metodológica, que permita ao estudante não apenas observar o espaço, mas interpretá-lo, questioná-lo e intervir sobre ele.

O ensino de Geografia, sobretudo no enfoque da paisagem, deve articular teoria e prática, estimulando reflexões e contribuindo para a formação de cidadãos críticos e participativos. Para isso é necessário adotar práticas pedagógicas que vão além dos conteúdos metodológicos, considerando a realidade cotidiana dos estudantes e do meio em que vivem, eliminando abordagens descontextualizadas, passando a valorizar a leitura crítica do espaço. Desse modo, a leitura da paisagem possibilita ao estudante perceber o espaço não apenas

como um cenário estático, mas como produto das relações sociais e históricas. Como destaca Cavalcanti (2013, p. 20), “o ensino deve propiciar ao aluno a compreensão do espaço geográfico na sua concretude, nas suas contradições”.

O estudo da paisagem na sua totalidade torna-se um recurso essencial para aproximar o estudante de sua realidade cotidiana, permitindo que ele identifique, descreva e analise as transformações do espaço vivido. Nesse sentido, Cavalcanti (2013, p. 24) destaca que “o ensino de geografia deve visar ao desenvolvimento da capacidade de apreensão da realidade do ponto de vista da sua espacialidade”. Dessa forma, faz com que o estudante compreenda a realidade de uma perspectiva crítica e integrada. Reconhecer que cada paisagem é única, mas também está vinculada à totalidade do mundo, o que reforça a importância de compreendê-la como ponto de partida para a análise espacial e para a formação de sujeitos críticos e conscientes como menciona Cavalcanti (2013, p. 24) “A finalidade de ensinar Geografia para as crianças e jovens deve ser justamente a de os ajudar a formar raciocínios e concepções mais articulados e aprofundados a respeito do espaço”.

Dessa forma, o professor precisa contextualizar o ensino da paisagem, proporcionando aos estudantes a oportunidade de observar, analisar e relacionar os elementos naturais e sociais do espaço em que vivem partindo de seu próprio local e expandindo progressivamente seu olhar para outros locais onde permite estimular o sentimento de pertencimento e a construção de identidade. Ao perceberem que também fazem parte da paisagem e que, de certa forma, contribuem para ela, os estudantes passam a valorizar seu lugar. Como ressalta Cavalcanti (2013, p. 49) “percebe-se que não encontrar paisagem no seu bairro pode influenciar na atitude dessas crianças em relação ao seu lugar, tendendo a desvalorizá-lo, já que associam paisagem à beleza e não percebem a beleza do seu bairro.”

3.1 O conceito de paisagem

Para iniciar a compreensão sobre o conceito de paisagem, é importante destacar a perspectiva de Milton Santos:

“Tudo o que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. É formada não apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons etc.” (Santos, 2014, p 67, 68).

Ao considerar sons, movimentos, cores e odores, a paisagem torna-se um reflexo da interação entre o homem e o meio em que vive, permitindo compreender não apenas o espaço físico, mas também as práticas, valores e relações sociais que o constituem. Nesse sentido, a paisagem não é apenas um cenário a ser contemplado, mas uma forma de expressão das transformações realizadas pelo ser humano no espaço, carregando significados culturais. Segundo Milton Santos (2014) paisagem também se manifesta de diferentes formas e escalas:

A paisagem é o conjunto de objetos que nosso corpo alcança e identifica. O jardim, a rua, o conjunto de casas que temos à nossa frente, como simples pedestres. Uma fração mais extensa do espaço, que a nossa vista alcança do alto de um edifício. O que vemos de um avião que voa a mil metros de altura é uma paisagem, como o que aprendemos numa extensão ainda mais vasta, quando de uma altura maior. A paisagem é o nosso horizonte, estejamos onde estivermos. Ela é, também, o contato de nosso corpo com o corpo orgânico da natureza (Santos, 2014, p. 84).

Ela reflete as práticas culturais, econômicas e políticas presentes em determinado espaço, tornando-se um registro das relações entre sociedade e natureza ao longo do tempo. Dessa forma, a paisagem não é apenas o que se vê, mas também o que se interpreta e vivencia, sendo possível reconhecer nela elementos que revelam história, identidade e organização social de um lugar. Assim, os estudantes passam a perceber que paisagem não é um simples recorte de imagens distribuídos em um espaço, mas uma construção histórica.

Ao serem questionados sobre o que é paisagem, os estudantes frequentemente associam o conceito ao que é belo, ao recorte de um todo, a uma imagem estereotipada ou a um lugar idealizado. Esses resultados são comprovados pela pesquisa e obra de Cavalcanti (2013), ela observou que, para a maioria dos entrevistados, a paisagem é um espaço agradável ou bonito. Conforme relata a autora:

Para a maioria dos entrevistados (14), a paisagem lembra um lugar bonito. Essa referência é tão forte que algumas crianças utilizaram um outro tipo de linguagem (a forma e a entonação poéticas!) para expressar o que era paisagem, conforme atestam os trechos a seguir: "... campo cheio de rosas, árvores dando fruto, tudo florido. "Muita coisa boa", "um lugar grande... bonito", "paz, um lugar tranquilo", "árvores, coisas bonitas, assim, que parece, que tá na nossa vista", "ah!... coisa bonita, que deve ser respeitada", "é um lugar marcante, um lugar bonito... lugar que marca sua consciência", "um negócio, assim pra enfeitar... Um desenho, assim, com Jesus Cristo..." (Cavalcanti, 2013, p. 49).

Esses relatos mostram que é necessário adotar metodologias que aproximem os estudantes da sua realidade e ampliem os conceitos sobre o que é paisagem já nos anos iniciais. Sem uma metodologia pedagógica adequada, a percepção de paisagem tende a se restringir a aspectos estéticos e poéticos, dificultando a compreensão de suas dimensões

sociais. O ensino da Geografia precisa promover uma leitura crítica do espaço, evidenciando que a paisagem vai além do que é visualmente agradável, incluindo também a análise das relações entre sociedade e cultura. Entretanto, Cavalcanti (2013) ressalta que, embora a paisagem possa ser associada ao belo, ela não se limita a esse aspecto. A realidade é composta por diferentes elementos, que nem sempre correspondem a uma visão idealizada ou agradável, mas que também fazem parte do que se entende por paisagem. Como afirma a autora Cavalcanti (2013, p. 20) “não deixa de ser verdade que a paisagem “deve” ser o belo, pois ela é a forma, é o que se vê, e é o bom que o que se vê seja bonito. O problema é que nem sempre é o que ocorre na realidade”.

Embora a beleza seja uma característica valorizada, os estudantes também precisam ser estimulados e inseridos em situações pedagógicas que possam perceber que a paisagem inclui o cotidiano: o caminho para a escola, o trânsito, as atividades diárias e a vida acontecendo em seu entorno fazem parte do espaço que nos cerca. Assim, compreender a paisagem envolve reconhecer tanto os aspectos estéticos quanto às práticas sociais. Como observa Santos (2014):

[...] Ao passarmos numa grande avenida, de dia ou à noite, contemplamos paisagens diferentes graças ao seu movimento funcional. A rua, a praça, o logradouro funcionam de modo diferente segundo as horas do dia, os dias da semana, as épocas do ano. Dentro da cidade, e em razão da divisão territorial do trabalho, também há paisagens funcionalmente distintas (Santos, 2014, p. 76).

Nesse sentido, a paisagem se modifica de acordo com as práticas sociais e as temporalidades que nela se manifestam. O espaço urbano, por exemplo, apresenta múltiplas paisagens que se transformam conforme a circulação das pessoas, a utilização dos equipamentos públicos e a própria lógica da produção e do trabalho. Assim, uma mesma rua pode se apresentar de diferentes formas ao longo do dia, assumindo funções diversas que refletem a vida social e econômica que nela se desenrola. Para além da visão estética, Santos (2014) chama atenção para o fato de que a paisagem é uma herança de múltiplos momentos, revelando camadas de significados acumulados ao longo do tempo. Conforme explica o autor:

[...] A paisagem não se cria de uma só vez, mas por acréscimos, substituições; a lógica pela qual se fez um objeto no passado era a lógica da produção daquele momento. Uma paisagem é uma escrita sobre outra, é um conjunto de objetos que tem idades diferentes, é uma herança de muitos diferentes momentos. Assim, a paisagem é uma herança de muitos momentos (Santos, 2014, p 72, 73).

A paisagem não pode ser entendida como algo pronto e acabado, mas como um processo. Ao dizer que ela é feita por acréscimos e substituições, o autor evidencia que cada

momento histórico deixa marcas no espaço, criando uma espécie de “camadas” que se sobrepõem. Assim, uma cidade, por exemplo, guarda ao mesmo tempo construções antigas e novas, tradições preservadas e práticas contemporâneas, revelando diferentes tempos convivendo em um mesmo lugar. Essa ideia amplia a compreensão de paisagem, pois nos leva a perceber que ela é um cenário visual e uma escrita coletiva produzida pela sociedade ao longo do tempo. Desse modo, estudar a paisagem significa também estudar a memória e as transformações de uma comunidade, compreendendo que o presente está sempre dialogando com o passado.

Essa compreensão mais ampla da paisagem, enquanto construção histórica e social, possibilita refletir sobre como o conceito é apresentado no processo de ensino aprendizagem. A partir dessa perspectiva, torna-se relevante analisar de que forma o livro didático, um dos principais instrumentos utilizados pelos professores nos anos iniciais, aborda a categoria paisagem, contribuindo (ou não) para um olhar crítico e sensível sobre o espaço vivido pelos estudantes.

4 COMO O TEMA PAISAGEM É ABORDADO NO LIVRO DIDÁTICO DO 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Para dar continuidade à investigação sobre o ensino da paisagem, este capítulo apresenta uma análise das atividades do livro *ÁPIS MAIS*, destinado ao 5º ano do Ensino Fundamental, com o objetivo de compreender de que forma o tema é abordado e estruturado no contexto da Geografia escolar. A análise permitiu identificar as concepções de paisagem exploradas, os recursos pedagógicos empregados e as habilidades que se busca desenvolver nos estudantes.

O Livro *ÁPIS MAIS*, Geografia para estudantes do 5º ano, de autoria de Maria Elena Simielli, integra a coleção aprovada pelo Plano Nacional do Livro didático (PNLD) 2023, é amplamente utilizado em escolas públicas brasileiras, como na rede municipal de ensino da cidade de Pilar, no estado de Alagoas. O material publicado pela Editora Ática, está organizado em quatro unidades temáticas, cada uma dividida em dois capítulos, que se propõe a desenvolver, de forma progressiva, os conceitos da Geografia escolar, como espaço, lugar, território e paisagem, integrando práticas de alfabetização cartográfica, leitura de mundo e o desenvolvimento do pensamento espacial.

Figura 1: Capa do Livro ÁPIS MAIS - manual do professor SIMIELLI, Maria Elena (2021).



Fonte: elaborado pelas autoras, 2025.

Com o objetivo de compreender como o conceito de paisagem é apresentado nos livros didático, utilizamos o Manual do Professor, que acompanha o livro didático do estudante e traz fundamentos teóricos, sugestões metodológicas e propostas de atividades, com base nas orientações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). O estudo aqui desenvolvido se debruça em páginas que apresentam textos, imagens e atividades voltadas ao trabalho com o conceito de paisagem, especialmente sobre os conteúdos da Unidade 1, que aborda no Capítulo 1 a “Representação do espaço”, páginas 8, 9 e 31, e do Capítulo 2, que traz a “Representação do espaço urbano”, páginas 38 a 41.

No capítulo 1, páginas 8 e 9 do livro do estudante, intitulada por “Meu ponto de partida”, os estudantes são convidados a observar fotografias de diferentes lugares e listar os elementos que conseguem identificar, reforçando uma concepção de paisagem como um conjunto de formas visíveis, sem explorar suas dimensões simbólicas, históricas ou subjetivas.

Figura 2: Atividade introdutória

caderno. 2. a) Ruas asfaltadas, diferentes edificações próximas umas das outras, algumas árvores e carros.

a) Que elementos você observa no plano assinalado com a letra **A**?

b) O que você observa no plano assinalado com a letra **B**? Áreas com vegetação, construções esparsas, rio, etc.

c) Em que plano está a cidade? E em que plano está o campo? A cidade aparece no plano A e o campo no plano B.

d) Ao comparar os planos A e B, o que você conclui sobre as paisagens do campo e da cidade? Elas são parecidas ou são diferentes? As paisagens do campo e da cidade são diferentes. Nas cidades predominam elementos culturais e no campo os elementos naturais.

Vista aérea de Tomazina, no estado do Paraná, 2020.

Fonte: (SIMIELLI, 2023, p. 63).

Embora a atividade seja válida para introduzir o conceito de paisagem e iniciar a alfabetização do olhar geográfico, ela não avança para a dimensão crítica, ou seja, se houvesse perguntas para além da identificação, as quais sejam possíveis que os estudantes reflitam e problematizem as transformações no espaço, os sujeitos, que os produzem, os significados atribuídos a cada lugar ou até mesmo a relação afetiva dos estudantes com a paisagem em seu entorno, permitiria que a atividade se alinhasse melhor a concepção de paisagem como construção social, histórica e cultural.

Na página 31 do livro, a proposta incentiva que os estudantes investiguem o edifício mais alto de sua cidade ou de uma cidade próxima. A atividade solicita que seja produzida em grupo, e que eles analisem as transformações na paisagem causadas por essa construção, como também, produzam cartazes para serem compartilhados em apresentação para a turma.

Figura 3: Representação de altitudes através da paisagem.

Pesquise

- Qual é o edifício mais alto da cidade em que você mora ou de outra cidade próxima? Em grupo, analisem as transformações que ocorreram na paisagem da cidade com essa construção. Façam um cartaz com fotos, imagens de satélite ou ilustrações mostrando essas transformações. Apresentem o cartaz aos colegas.

Resposta pessoal. Leia as orientações para a atividade neste Manual do Professor.

Fonte: (SIMIELLI, 2023, p.63).

Essa proposta sugere um movimento de aproximação entre conteúdo escolar com o espaço vivido, promovendo a observação da realidade local. Ao mobilizar representações gráficas, como imagens de satélites e fotos, a atividade se articula com o desenvolvimento

espacial e da leitura do mundo geográfico. No entanto, observa-se que a abordagem da transformação da paisagem permanece na superfície da observação visual, sem problematização explícita sobre os agentes sociais envolvidos na construção do edifício, os interesses que motivam a verticalização urbana ou os impactos socioespaciais dessa intervenção.

No Capítulo 2, da página 39 a 41, há ilustrações com mudanças ao longo do tempo por meio de imagens comparativas que demonstram a paisagem urbana modificada.

Figura 4: As transformações da paisagem urbana.

1



Miriam Miranda/Cadê a Paróquia

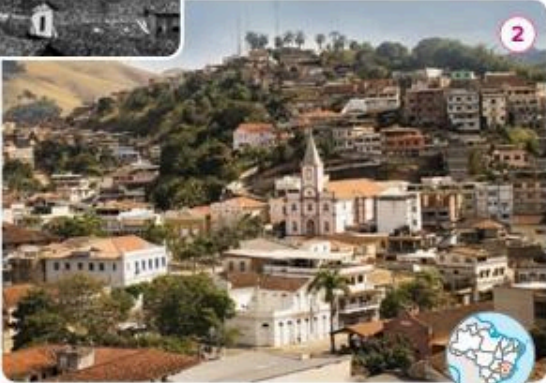
Vista de Mirai, no estado de Minas Gerais, cerca de 1952. Ao fundo, a igreja matriz.

Não escreva no livro.

1. a) Na foto 2, vemos que há construções no morro que não existiam na foto 1. Muitas construções da foto 1 desapareceram, dando lugar a outras, como os prédios que aparecem na foto 2.

Vista de Mirai, no estado de Minas Gerais, 2021.

2



Valmírcia Pereira Diniz/Vigilantes do Rio e do Vale

1. Com base no texto e nas fotos acima, faça o que se pede.

a) Compare as fotos 1 e 2. Que elementos demonstram a passagem do tempo?

b) Pesquise na internet se no município ou estado onde você mora existe algum edifício ou espaço tombado como Patrimônio Histórico e Cultural. Anote as informações no caderno e, depois, leia o que descobriu para os colegas e o professor.

Resposta pessoal. Leia as orientações para a atividade neste Manual do Professor.

39

Fonte: (SIMIELLI, 2023, p. 71).

A proposta poderia trazer um potencial educativo significativo se possibilitasse a problematização dessas mudanças, carecendo de perguntas que induzam à reflexão do espaço como produto de relações de poder e interesses, uma vez que, as atividades presentes se concentram na identificação de elementos que aparecem ou desaparecem nas imagens. Assim,

reforça mais uma vez, a paisagem como um cenário neutro e impessoal, descolado das dimensões políticas, econômicas e simbólicas que constituem historicamente.

Nesta Unidade, o manual sugere que sejam trabalhadas as habilidades da Base Nacional Comum Curricular (BNCC):

- EF05GE03 - Identificar as formas e funções das cidades e analisar as mudanças sociais, econômicas e ambientais provocadas pelo seu crescimento;
- EF05GE04 - Reconhecer as características da cidade e analisar as interações entre a cidade e o campo e entre cidades na rede urbana;
- EF05GE06 - Identificar e comparar transformações dos meios de transporte e de comunicação;
- EF05GE08 - Analisar transformações de paisagens nas cidades, comparando sequência de fotografias, fotografias aéreas e imagens de satélite de épocas diferentes;
- EF05GE09 - Estabelecer conexões e hierarquias entre diferentes cidades, utilizando mapas temáticos e representações gráficas;
- EF05GE11 - Identificar e descrever problemas ambientais que ocorrem no entorno da escola e da residência (lixões, indústrias poluentes, destruição do patrimônio histórico etc.), propondo soluções (inclusive tecnológicas) para esses problemas.

Além disso, espera-se que a Unidade atinja os objetivos por meio das habilidades da BNCC previstos nas orientações das atividades acima descritas, da seguinte forma:

- Compreender a noção de escala por meio de comparação de fotografias, plantas e mapas (EF05GE09, páginas 8–9);
- Compreender a passagem do espaço tridimensional para o espaço bidimensional por meio de diferentes representações (Alfabetização cartográfica);
- Analisar as transformações das paisagens urbanas, suas formas e funções, e as interações cidade-campo (EF05GE03, EF05GE04, EF05GE06, EF05GE08, páginas 31 e 39–41);
- Identificar as diferentes conexões entre as cidades, com base no fluxo de comunicação e serviços, sistema viário e serviços básicos (EF05GE04, EF05GE09, EF05GE11).

Esses objetivos buscam aproximar o estudante do espaço vivido, desenvolver habilidades de observação, análise e representação do espaço geográfico e promover a compreensão das transformações nas paisagens. No entanto, a aplicação dessas atividades apresenta limitações, contrariando o pensamento de Callai (2005, p. 238) de que “importa considerar as características culturais dos povos e interesses envolvidos para a realização da leitura da paisagem”. A primeira delas é a ênfase predominante na dimensão visual e descritiva da paisagem, como na observação de fotografias ou listagem de elementos em imagens, sem aprofundar as dimensões históricas, culturais, sociais e simbólicas que constituem o espaço. Por exemplo, a análise do edifício mais alto da cidade da observação visual, ou das mudanças urbanas sem problematizar os agentes sociais, os interesses econômicos, ou impactos socioespaciais.

Essas limitações se refletem desde a BNCC, que embora proponha habilidades como EF05GE01, EF05GE02 E EF01GE04, apresenta-se de forma genérica e operacional, favorecendo práticas pedagógicas centradas na descrição, em detrimento de uma análise crítica mais profunda do espaço. Neste sentido, a BNCC cumpre parcialmente seu papel, pois estimula a aproximação do estudante com o espaço vivido, mas não garante que os materiais didáticos incentivem a reflexão sobre desigualdades, poder, memória e cultura, elementos essenciais para a compreensão crítica da paisagem.

O livro didático apresenta a paisagem como “aquilo que se vê”, destacando os elementos naturais e humanos presentes no espaço. A concepção de paisagem presente no material aproxima-se da reflexão de Milton Santos, que a define como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca, Santos (2006, p. 65). Contudo, o autor lembra que a paisagem é resultado histórico, constantemente transformada pelas práticas sociais: “a paisagem é testemunha da sucessão dos meios de trabalho” Santos (2006, p. 70). O livro retoma essa perspectiva ao propor que os estudantes descrevam elementos naturais e culturais, identifiquem mudanças e analisem impactos, como os ligados à poluição ou ao crescimento urbano.

Além do que, traz aspecto recorrente a tendência à classificação rígida das paisagens em categorias como natural e humanizada, ou urbana e rural. Embora essa estratégia seja didaticamente útil, pode transmitir aos estudantes uma visão fragmentada e estática da realidade. Na prática, as paisagens são híbridas e dinâmicas, resultado de combinações históricas entre elementos naturais e construídos. Neste sentido, Santos (2006) observa:

“A paisagem é o conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre o homem e a natureza [...]. conjunto de elementos naturais e artificiais que fisicamente caracterizam uma área[...] A paisagem existe através de suas formas, criadas em momentos históricos diferentes, porém coexistindo no momento atual” (Santos, 2006, p. 66-67).

Além disso, observa-se uma predominância de exemplos visuais que não necessariamente dialogam com o cotidiano dos estudantes. As imagens retratam, em sua maioria, grandes centros urbanos, paisagens naturais emblemáticas ou áreas agrícolas de grande escala, o que pode gerar um distanciamento entre o conteúdo didático e a vivência real dos estudantes, especialmente daqueles que vivem em pequenas cidades ou comunidades com características próprias, tendo como exemplo, a cidade de Pilar em Alagoas, cuja paisagem urbana combina áreas residenciais simples, elementos históricos e transformações recentes ligadas a intervenções públicas. Ao ignorar esse tipo de realidade, os materiais didáticos perdem a oportunidade de conectar o conteúdo escolar à experiência concreta dos estudantes. Como observa Cavalcanti (2013, p. 26) “a experiência tem mostrado a ineficácia de se ensinar conceitos à criança ou ao jovem apenas transmitindo a eles o conceito definido no livro ou elaborado pelo professor”.

Apesar dessas limitações, há tentativas, no livro, de introduzir a noção de temporalidade por meio da comparação entre imagens antigas e atuais ou da proposição de atividades que incentivam a observação do bairro ao longo do tempo. Essas iniciativas contribuem para que o estudante compreenda a paisagem como algo dinâmico, em constante mudança. No entanto, as transformações são tratadas de forma descontextualizada, sem problematização dos fatores econômicos, sociais ou políticos que motivam tais alterações, o que limita a formação de uma leitura crítica do espaço.

Outro ponto pouco explorado é a dimensão cultural e simbólica da paisagem. Embora alguns materiais didáticos reconheçam a diversidade de paisagens, o enfoque predominante permanece físico e espacial, com pouco espaço para a valorização dos sentidos, identidades e memórias que elas representam. A paisagem, enquanto expressão dos modos de vida e das experiências coletivas, poderia ser uma poderosa ferramenta para articular os conteúdos escolares com a realidade sociocultural dos estudantes. Contudo, essa potencialidade ainda é pouco explorada.

5 PAISAGEM QUE EDUCA: CONSTRUÇÃO DE UM CADERNO PEDAGÓGICO PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA

Dando seguimento a proposta, fizemos a leitura e análise de como o tema paisagem é abordado no livro didático utilizado pela rede de ensino do Município de Pilar/AL, Livro *Ápis Mais Geografia* do 5º ano, de Simielli publicado no ano de 2023. Essa etapa foi necessária para aperfeiçoar as atividades já elaboradas e reformular propostas no caderno pedagógico. Após essa análise, verificou-se que durante o estudo, foram identificadas lacunas na abordagem do tema, evidenciando a necessidade de aprimoramento do material e de elaboração de propostas pedagógicas contextualizadas, voltadas à realidade local e à construção da identidade dos estudantes. Diante disso, apresentaremos a seguir a proposta construída a partir dessas reflexões, com foco na valorização da paisagem local como recurso didático e formativo.

Cada página do caderno é uma oportunidade de levar os estudantes a descobrir histórias, refletir sobre a cultura e vivenciar a riqueza de um patrimônio único, tornando o aprendizado uma experiência viva, prazerosa e inspiradora.

O material busca explorar diferentes possibilidades de leitura da paisagem, articulando memórias, relatos, produções literárias e ida a campo, de modo a valorizar a identidade cultural e histórica do município de Pilar em Alagoas. Entre os conteúdos propostos, destacam-se:

- **Ida a campo:** atividade prática que propõe uma visita ao Complexo Cultural e Religioso Dilma Moreira Canuto. Nesse momento, os estudantes poderão observar a imponente estátua de Nossa Senhora do Pilar e compreender a relação entre natureza, sociedade, cultura e história;
- **Poema ao Santo Cruzeiro:** recurso literário que desperta a sensibilidade e convida os estudantes a refletirem sobre o valor simbólico do espaço na memória coletiva;
- **Relato de Elizabete:** narrativa de uma ex-moradora das proximidades do Santo Cruzeiro, que traz à tona a importância da experiência vivida e a relação afetiva das pessoas com a paisagem local.

5.1 O que vamos aprender com essas atividades?

Por meio das atividades propostas os(as) estudantes, terão a oportunidade de:

- Compreender o conceito de paisagem e sua relação com o espaço geográfico;

- Identificar elementos da paisagem que refletem a identidade local;
- Analisar o impacto do turismo na preservação ambiental e cultural;
- Desenvolver habilidades de observação, pensamento crítico, representação artística e escrita descritiva.

Além disso, as atividades estão alinhadas às seguintes habilidades da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para o 5º ano do Ensino Fundamental:

- (EF05GE03) Identificar as formas e funções das cidades e analisar as mudanças sociais, econômicas e ambientais provocadas pelo seu crescimento;
- (EF05GE08) Analisar transformações de paisagens nas cidades, comparando sequência de fotografias, fotografias aéreas e imagens de satélite de épocas diferentes.

5.2 Paisagem, identidade e educação: Pilar como uma cidade educativa

O complexo cultural e religioso Dilma Moreira Canuto, localizado na cidade de Pilar, Alagoas, é um espaço dedicado à fé, cultura e turismo. Ele foi construído em uma área elevada, o que proporciona uma vista privilegiada da cidade e das paisagens naturais ao redor, como a lagoa Manguaba e a vegetação típica da região. Esse posicionamento geográfico favorece tanto o aspecto contemplativo quanto a função turística do local.

Figura 5: Estátua de Nossa Senhora do Pilar (esquerda) e Placa em homenagem a Dilma Canuto (direita).



Fonte: Arquivo pessoal (2025).

Com seus 24 metros, a estátua de Nossa Senhora do Pilar abençoa a cidade e a imensidão da Lagoa Manguaba. A estátua integra o Santo Cruzeiro e Complexo Cultural e Religioso Dilma Moreira Canuto, inaugurado em 06/08/2020, pelo governador Renan Filho, o secretário de Estado do Desenvolvimento Econômico e Turismo, Rafael Brito, e pelo prefeito do município, Renato Filho. Além da imagem de 24 metros de altura de Nossa Senhora do Pilar, o Complexo conta com peças feitas em barro pelo mestre artesão João das Alagoas, que retratam a Via Sacra, reconstituição religiosa do sofrimento de Jesus Cristo até o calvário.

Figura 6: Vista da via sacra no Santo Cruzeiro.



Fonte: Arquivo pessoal (2025).

Figura 7: Placa em homenagem ao mestre João das Alagoas (esquerda) e Peça em barro parte da via sacra e ao fundo estátua de Nossa Senhora do Pilar (direita).



Fonte: Arquivo pessoal (2025).

O Complexo Cultural e Religioso Dilma Moreira Canuto, mais do que um atrativo turístico e de fé, configura-se como um espaço educativo, em que a memória, a religiosidade e a produção artística local se entrelaçam, possibilitando que a população reconheça a si mesma na cidade e em sua história. Nesse sentido, a reflexão de Paulo Freire (2001, p. 13) contribui para compreender a relevância desse espaço na formação cultural e identitária da comunidade:

“A cidade se faz educativa pela necessidade de educar, de aprender, de ensinar, de conhecer, de criar, de sonhar, de imaginar que todos nós, mulheres e homens, impregnamos suas ruas, suas praças, suas fontes, suas casas, seus edifícios, deixando em tudo o selo de certo tempo, estilo, o gosto de certa época. A cidade é cultura, criação, não só pelo que fazemos nela e dela, pelo que criamos nela e com ela, mas também é cultura pela própria mirada estética ou de espanto, gratuita que lhe damos. A cidade somos nós e nós somos a cidade” (Freire, 2001, p. 13).

Freire (2001), ao afirmar que “a cidade somos nós e nós somos a cidade”, nos convida a reconhecer que os espaços que ocupamos carregam marcas de nossa existência, histórias e modos de viver. A cidade, mais do que um cenário físico e histórico composto com diversas cenas, é um território de experiências, memórias e significados compartilhados, onde ensinar, aprender, sonhar e criar fazem parte da vida cotidiana.

Pilar, cidade situada às margens da Lagoa Manguaba, é um verdadeiro tesouro histórico e cultural. Fundada em 1872, a cidade preserva memórias marcantes, como o Sítio Bonga, onde ocorreu a última execução por pena de morte no Brasil em 1876. Este evento é

lembrado anualmente por meio de encenações que conectam moradores e visitantes à história local.

Figura 8: cidade de Pilar vista do alto do cruzeiro da cidade de Pilar.



Fonte: Arquivo pessoal (2025).

A cidade também recebeu visitas ilustres que reconheceram sua importância. Entre elas, destaca-se Dom Pedro II, imperador do Brasil, que conheceu Pilar em sua trajetória pelo país. Personalidades como o antropólogo Arthur Ramos e o escritor Sérgio Moraes também contribuíram para fortalecer a identidade cultural e literária da cidade.

Pilar pulsa cultura em cada esquina. O Museu de Instrumentos Musicais Mestre Valentim, instalado em um prédio histórico restaurado, guarda instrumentos de 15 países e oferece aulas de música à comunidade. O Cine Pilarense, revitalizado recentemente, promove cinema, teatro e eventos culturais. A Casa da Cultura Professor Arthur Ramos preserva a memória local e realiza atividades artísticas, conectando professores e estudantes à riqueza cultural pilarense.

Entre arquitetura, tradição e paisagem, Pilar encanta. Suas igrejas centrais refletem a religiosidade da população, enquanto o Rolo do Major e a Orla da Lagoa Manguaba proporcionam momentos de contemplação e lazer. Cada espaço, monumento e evento cultural tornam Pilar um laboratório vivo de história, arte e educação.

5.3 Estratégias e possibilidades didáticas e pedagógicas:

Figura 9: Atividade do caderno pedagógico.



Fonte: Produção própria (2025).

A atividade ilustrada com personagens infantis, que discutem sobre o conceito de paisagem e o Complexo Cultural e Religioso Dilma Moreira Canuto, é um recurso didático que permite abordar o assunto de maneira divertida e compreensível, incentivando a curiosidade e o desenvolvimento ativo dos estudantes.

Após a realização da atividade em quadrinhos e da introdução ao gênero “paisagem”, surge a oportunidade de ampliar a aprendizagem por meio de uma experiência prática. Nesse contexto, propõe-se a ida a campo. Visitar o **Complexo Cultural e Religioso Dilma Moreira Canuto**, onde os estudantes poderão observar a estátua de Nossa Senhora do Pilar, compreender a relação entre natureza, sociedade, cultura e história. Como observa Matos (2013):

[...] deveriam se iniciar na escola a partir de discussões sobre o que é museu, para que serve um museu, analisar a partir de que discurso a exposição é apresentada ao visitante, atentando para a narrativa construída pela seleção das peças; (3) retornar para a escola, finalizando a visita com o debate acerca da escolha do discurso e dos objetos expostos, problematizando a visita (Matos, 2013, p. 62).

O trecho de Matos (2013) reforça que o trabalho educativo do museu vai além do espaço físico, enfatizando a necessidade de preparar os estudantes antes da visita, contextualizar o que será observado e, posteriormente, refletir sobre a experiência. A visita ao

Complexo Dilma Canuto segue essa proposta, pois permite que os estudantes se preparem, observem criticamente o espaço e reflitam sobre o significado cultural e religioso dos elementos presentes.

Após a realização da visita ao Complexo Cultural e Religioso Dilma Moreira Canuto, os estudantes são convidados a refletir sobre o espaço observado e suas diferentes dimensões. Para isso, são propostas algumas questões norteadoras, que visam estimular a análise crítica, a interpretação da paisagem e a compreensão da relação entre sociedade, cultura e território:

1. O que compõe a identidade de um lugar?
2. Quais transformações podem ocorrer em uma paisagem ao longo do tempo?
3. Quais elementos da paisagem representam a identidade local?
4. Como as pessoas contribuem para transformar a paisagem de um lugar ao longo do tempo?

Essas perguntas têm como objetivo estimular os estudantes a uma reflexão crítica, permitindo que articulem observações diretas, conhecimentos prévios e reflexões sobre a dinâmica do espaço, favorecendo uma compreensão mais ampla e significativa da paisagem local.

5.4 Explorando possibilidades de leitura do espaço

Com o objetivo de ampliar a compreensão da paisagem, propõe-se aos estudantes explorar diferentes formas de leitura do Complexo Cultural e Religioso Dilma Moreira Canuto. Entre essas estratégias, destaca-se a utilização de um poema ao Santo Cruzeiro de Sérgio Moraes, um poeta pilarense, reconhecido por sua dedicação à literatura e à valorização da cidade de Pilar, contribui com sua obra para essa reflexão, que possibilita perceber e refletir sobre os elementos naturais, culturais, históricos e simbólicos presentes no espaço, promovendo uma visão mais sensível e integrada da paisagem. A seguir, apresenta-se o poema:

POEMA AO SANTO CRUZEIRO.

Vejam que maravilha,
Ficou o Santo Cruzeiro,
A Cruz que lá existia,
Agora tem ao lado Maria,
Abençoando o Pilar inteiro.

É uma imagem gigante,
 De Nossa Senhora do Pilar,
 Que encanta quem lá visita,
 Faz a fé se agigantar,
 A fé que numa Via-Sacra ecoa,
 Feita por João das Alagoas,
 Para quem visita admirar.
 É o Complexo Cultural e Religioso,
 Um atrativo Turístico Nacional,
 Complexo Dilma Canuto,
 Um belíssimo cartão postal,
 Com bela vista para a lagoa,
 No Pilar das Alagoas,
 Uma beleza natural.
 O Turismo, a Cultura e a Fé,
 Juntos em um só lugar,
 Um local simplesmente fantástico,
 Para todo mundo visitar,
 Uma obra que deu a cidade mais brilho,
 Na gestão Prefeito Renato Filho,
 Sejam bem vindos ao Pilar!

(Sérgio Moraes, escritor, historiador e morador de Pilar/AL.)

Além da leitura do poema de Sérgio Moraes, que permite uma percepção sensível e simbólica do espaço, outra possibilidade de explorar e compreender a paisagem local é por meio das histórias orais reais. Essa abordagem possibilita que os estudantes conheçam o espaço a partir das memórias, experiências e relatos dos próprios moradores, ampliando a compreensão do território de maneira histórica, cultural e social.

História oral real é um método e um objeto de estudo que utiliza os relatos verbais de pessoas como fontes primárias para a pesquisa histórica e a produção de conhecimento, valorizando as memórias, experiências e subjetividades de indivíduos e grupos que não costumam ser representados na história oficial.

Para atribuir significado à atividade, foi coletado o relato de uma moradora de Pilar, que viveu nas proximidades do Cruzeiro. O depoimento a seguir ilustra suas memórias e experiências relacionadas a paisagem e o local:

“Morei por muitos anos nas casas que ficam abaixo do Cruzeiro, uma parte alta da cidade de Pilar. Na minha infância, esse lugar era onde eu brincava com outras crianças e também servia de caminho quando precisávamos atravessar a cidade. A paisagem sempre me chamou atenção. De lá, é possível ver a Lagoa Manguaba, igrejas, escolas, casas da zona urbana e os campos da zona rural. O vento é constante, e a vista traz uma sensação de paz. Ali perto, algumas pessoas fabricavam vassouras de forma artesanal, e esse trabalho fazia parte da rotina da comunidade. Hoje, mesmo com as mudanças, o Cruzeiro continua sendo um lugar cheio de memórias importantes.” *Relato de Elizabete, ex-moradora das proximidades do Santo Cruzeiro.*

Após o relato da moradora sobre sua experiência próxima ao Cruzeiro, os estudantes são convidados a realizar atividades de produção que estimulem a observação, a criatividade e a reflexão sobre o espaço visitado. Uma das propostas consiste em criar desenhos inspirados em elementos observados durante a visita, como paisagens, construções, detalhes do ambiente ou qualquer aspecto que tenha chamado atenção dos estudantes, permitindo que expressem de forma visual aquilo que mais os marcou no passeio cultural. Para esta atividade, diferentes estratégias pedagógicas podem ser adotadas como por exemplo, exposição de cartazes com as produções realizadas, maquetes, produção de vídeos, uso de diferentes gêneros textuais como, poemas, cordel e etc.

Além da produção artística, os estudantes são convidados a refletir sobre o poema de Sérgio Moraes, que também apresenta a história do Complexo Cultural e Religioso Dilma Moreira Canuto em versos. Para orientar essa reflexão, são apresentadas perguntas como:

1. Que sentimentos ou imagens o poema desperta em você sobre o Complexo?
2. O que o autor valoriza no espaço e na comunidade?
3. De que forma o poema ajuda a compreender ou imaginar aspectos do lugar que a narrativa da moradora não mostrou?
4. Como essas diferentes formas de expressão (história oral, poema e música) ajudam a fortalecer a identidade local?

Essas questões têm o propósito de promover a análise crítica e a troca de percepções entre os estudantes, incentivando uma roda de conversa em que opiniões e reflexões sejam compartilhadas. Para aprofundar ainda mais a compreensão do espaço e da cultura local, são propostas questões complementares, como:

1. Você conhece o Complexo Cultural e Religioso Dilma Moreira Canuto em Pilar, Alagoas?
2. As histórias de um lugar influenciam a maneira como o percebemos? Como?
3. Quais aspectos de um lugar podem atrair turistas?
4. De que forma as histórias ajudam a preservar a memória cultural de um povo?

5. O que torna uma história interessante ou marcante para quem a escuta?

Figura 10: Estudantes Ana, Elizabete e orientadora Prof. Erica ao fundo estátua de Nossa Senhora do Pilar.



Fonte: Arquivo pessoal (2025)

Em continuidade à exploração da paisagem e da cultura local, os estudantes são incentivados a investigar, em grupos, histórias que fazem parte da tradição da região. Podem buscar lendas, mitos ou narrativas populares que envolvam lugares, paisagens ou personagens significativos de sua cidade ou comunidade, recorrendo a relatos familiares, fontes escolares, bibliotecas ou publicações locais. Essa atividade visa ampliar o repertório cultural e promover o resgate da memória coletiva.

Como uma alternativa para trabalhar os conteúdos abordados nesta proposta didática, propomos uma atividade de quiz, com instruções que o docente pode adaptar. Os estudantes se organizam em duplas ou trios, escolhem um lugar confortável para responder às perguntas e usam lápis ou caneta, compartilhando ideias e ajudando uns aos outros. As respostas devem se basear nos textos, ilustrações, narrativas e reflexões feitas durante as atividades. Por fim,

uma roda de conversa é realizada para que os estudantes compartilhem os resultados, discutam ideias e consolidem os aprendizados adquiridos ao longo do processo.

Figura 11: Quiz do Caderno Pedagógico.



Fonte: Produção própria (2025).

As atividades propostas ao longo do caderno pedagógico demonstram a importância de trabalhar o ensino de Geografia a partir de experiências significativas, conectando os estudantes à realidade de sua comunidade e ampliando a compreensão da paisagem. O uso de diferentes possibilidades de leitura e estratégias pedagógicas, como a ida a campo, o poema de Sérgio Moraes e a história oral dos moradores da localidade, possibilita diversificar as formas de leitura da paisagem, agregando conhecimento à memória coletiva e promovendo habilidades de análise, criatividade e expressão. A proposta visa, portanto, possibilitar um olhar crítico e sensível sobre a paisagem, estabelecendo relações dos estudantes com sua história, cultura e identidade.

Além disso, é importante destacar que as atividades pedagógicas apresentadas no Caderno Pedagógico, são algumas das possibilidades didáticas que podem ser exploradas. A partir da leitura e do uso deste material, outros desdobramentos poderão surgir, conforme os contextos, experiências e interesses dos professores e estudantes.

Com o intuito de avaliar a efetividade e a aplicabilidade das atividades propostas,

contamos com a colaboração das professoras da rede pública de ensino da cidade de Pilar. Essa etapa teve como objetivo verificar se as atividades faziam sentido para o dia a dia da escola. No encontro, discutimos o conteúdo das atividades, a linguagem, as estratégias e as possibilidades de ensino e aprendizagem, além do relacionamento com a realidade local, e recebemos sugestões para melhorar o material e seu uso por professores e estudantes.

5.5 Validação da proposta do caderno pedagógico junto às docentes

Durante a pesquisa, consideramos a possibilidade de desenvolver as atividades do caderno diretamente com os estudantes da escola. No entanto, em razão do contexto vivido no período, marcado pela preparação das turmas para as avaliações externas SAEB e SAVEAL 2025, não foi possível vivenciar essa experiência.

No encontro, apresentamos a versão do caderno e em diálogo com as professoras foram destacadas considerações e sugestões, discutindo as possibilidades de utilização das atividades e roteiros pedagógicos previstos no material. Essa etapa foi pensada com intuito de aproximar o caderno da realidade escolar, ajustando propostas, linguagem e sequências de atividades de acordo com a prática docente e o contexto local, fortalecendo sua função como instrumento de mediação pedagógica entre a escola e a paisagem do Complexo Cultural e Religioso Dilma Moreira Canuto. Esse entendimento também está presente em Cavalcanti (2023), que reforça a importância de incluir o professor como agente de transformação no processo de pesquisa:

Assim, o professor deixa de ser mero objeto, compartilhando com os pesquisadores a atividade de transformar as práticas, a escola e a sociedade, portanto, as pesquisas deixam de investigar sobre o professor e passam a investigar com o professor, trabalhando na perspectiva de contribuir para que os docentes se reconheçam como produtores de conhecimentos, da teoria e da prática de ensinar, transformando, assim, as compreensões e próprio contexto do trabalho escolar. (Cavalcanti, 20, p. 12,13).

As professoras reconheceram que o caderno se trata de um material inédito, necessário e com grande potencial de uso em sala de aula e adaptável a vários contextos e lugares da cidade. Destacaram que ele “está bem estruturado, com atividades claras e coerentes com os objetivos propostos” e que foi “desenvolvido com base teórica sólida, especialmente na Geografia Crítica e Cultural”. Além disso, afirmaram que o material “demonstra conhecimento profundo sobre a cidade de Pilar, despertando pertencimento e valorização do local” (Silva; Santos; Calheiros, 2025).

As docentes também ressaltaram a importância de inserir o contexto local como ponto de partida para o ensino, destacando “a valorização dos patrimônios culturais, como o Cruzeiro e a Cabeça do Bagre”, e “a transformação da cidade nos últimos anos, antes marcada pela violência e hoje reconhecida pelo investimento em cultura, com espaços como o Cine Pilar, o Museu da Música e a Casa da Cultura”. Nesse sentido, enfatizaram ainda “a relevância de figuras como Sérgio Moraes, que resgata a história local por meio da arte, poesia e religiosidade”, e defenderam “a necessidade de partir do micro (contexto local) para que os estudantes possam compreender o macro (regiões, países, mundo)” (Silva; Santos; Calheiros, 2025).

Figura 12: Encontro com as docentes em Pilar, Alagoas



Fonte: Arquivo pessoal (2025)

Figura 13: Roda de conversa com as docentes em Pilar, Alagoas.



Fonte: Arquivo pessoal (2025)

Essa mudança de foco, de investigar "sobre" para investigar "com" o professor, não só valoriza o conhecimento do docente, como também incorpora a pesquisa diretamente à formação continuada e à solução de problemas práticos. Portanto, participar de projetos de pesquisa é uma maneira eficaz de desenvolvimento profissional, pois possibilita que os educadores reflitam e atuem sobre questões práticas concretas. Cavalcanti fortalece essa ligação ao declarar:

Dessa forma, convocar os docentes para participar de projetos de pesquisa que visam a co-construção de determinado objeto de conhecimento é, também, fazê-los vivenciar processo de formação sobre aspecto da prática profissional que eles consideram como problemático (Cavalcanti, 2023, p. 20).

O encontro possibilitou tanto a análise crítica do material quanto a reflexão coletiva sobre práticas de ensino em Geografia, destacando a relevância da pesquisa colaborativa entre pesquisadores e educadores. Dessa forma, o caderno se estabeleceu como um instrumento pedagógico relevante, capaz de fomentar o sentimento de pertencimento, valorizar a identidade cultural de Pilar e auxiliar na construção de uma prática educativa mais contextualizada e transformadora.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa refletiu sobre o ensino da Geografia nos anos iniciais a partir do tema paisagem, analisando como esse conceito é abordado nos livros didáticos do 5º ano e propondo estratégias pedagógicas complementares por meio da elaboração do caderno pedagógico: “Explorando a paisagem - Elementos da paisagem do complexo cultural e religioso Dilma Moreira Canuto em Pilar, Alagoas.”

O estudo revelou que, apesar de os livros didáticos apresentarem conceitos básicos de observação, classificação e transformação das paisagens, prevalece uma abordagem descritiva que, frequentemente, não se conecta com a realidade dos estudantes nem com as dimensões culturais e sociais do espaço geográfico. O livro didático analisado não aproveita em grande parte o potencial crítico significativo do conceito de paisagem. Em vez de se limitar a atividades de observação e classificação, o livro poderia estimular reflexões mais profundas sobre quem produz as paisagens, quais interesses estão envolvidos nas transformações espaciais e quais são os impactos socioambientais decorrentes dessas dinâmicas. A ausência desse aprofundamento resulta em um ensino que, embora visualmente atrativo, pouco contribui para a formação de uma consciência geográfica crítica nos estudantes, sendo assim, a abordagem da paisagem nos livros didáticos do 5º ano, apresenta contribuições relevantes ao introduzir noções básicas de classificação, reconhecer a diversidade espacial e evidenciar que as paisagens se transformam com o tempo. No entanto, prevalece uma visão descritiva e limitada, desconectada da realidade vivida pelos estudantes e das dimensões culturais e sociais que compõem o espaço geográfico.

Nesse cenário, o caderno pedagógico elaborado apresenta-se como um material aplicável e adaptável, capaz de aproximar o ensino da Geografia da realidade local e estimular a reflexão crítica sobre a paisagem e identidade. As atividades propostas como, visitas a campo, leitura poética, coleta de histórias orais, produções artísticas e questões de reflexão foram planejadas de maneira realista e acessível, possibilitando sua aplicação em diferentes turmas e contextos escolares.

Atividades complementares como esta são essenciais para fomentar aprendizagens relevantes, que vão além da simples observação ou memorização de conceitos, integrando teoria e prática de maneira contextualizada. A construção do caderno pedagógico representa não apenas a sistematização de uma proposta didática, mas também um movimento de valorização da prática docente e da realidade dos estudantes, ampliando a compreensão da paisagem em sua dimensão crítica, social e educativa.

REFERÊNCIAS

- CALLAI, Helena Copetti. Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. **Cedes**: Campinas, 2005. vol. 25, n. 66, p. 227-247. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-32622005000200006>. Acesso dia: 05 set. 2025.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. 18. ed. Campinas: Papirus, 2013. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).
- COSTA, Gabrielly Inocêncio. **Os aspectos geográficos da cidade de Pilar/Alagoas nas aulas de geografia**. 2023. 59 f. Trabalho de conclusão de Curso (Bacharelado em Geografia) - Instituto de Desenvolvimento e Meio Ambiente. Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2023. Disponível em: <https://www.repositorio.ufal.br/handle/123456789/12217>. Acesso em: 4 set. 2025.
- COSTA, Lucas Eduardo. Transformações socioespaciais recentes em Pilar (AL). 2024. 113 f. Dissertação (Mestrado em geografia). Instituto de Geografia, Desenvolvimento e Meio Ambiente, Universidade Federal de Alagoas. Maceió, 2022. Disponível em: <https://www.repositorio.ufal.br/handle/123456789/13178>. Acesso em: 29 ago. 2025
- LESSA, Fabio Lins. Ledo Ivo e a narrativa da visita de Dom Pedro II a Alagoas. **Cultura e viagem** [blog]. Disponível em: <https://culturaeviagem.wordpress.com/2014/11/15/ledo-ivo-e-a-narrativa-da-visita-de-dom-pedro-ii-a-alagoas/> Acesso em: 30 ago. 2025.
- FREIRE, Paulo. **Política e educação**: ensaios. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001. (Coleção Questões da Nossa Época, v. 23).
- CAVALCANTI, Ricardo Jorge de Sousa. Pesquisa colaborativa: investigação, formação e produção de conhecimento (Resenha de livro). **Verbum**: cadernos de pós-graduação, v. 12 n. 1, 2023. Disponível em: DOI: <https://doi.org/10.23925/2316-3267.2023v12i1p236-240>. Acesso em: 4 set. 2025.
- MATOS, Isla Andrade Pereira de. **Ação educativa do Museu Afro Brasil**: educação patrimonial no combate à discriminação étnico-racial. 2013. 161 f. Dissertação (Mestrado em Educação do Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2013. Disponível em: <http://repositorio.sis.puc-campinas.edu.br/xmlui/handle/123456789/15466>. Acesso em: 4. set. 2025
- MONTE, Hilda Maria Couto. **A última força**: uma história de resistência negra na Pilar Imperial. 2025. 262 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em História) – Instituto de Ciências Humanas Comunicação e Artes, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2024. Disponível em: <https://www.repositorio.ufal.br/handle/123456789/16331>. Acesso em: 21 set. 2025.
- PREFEITURA DE PILAR. **Cultura**. Disponível em: <https://pilar.al.gov.br/category/cultura/>. Acesso em: 30 ago. 2025.
- PREFEITURA DE PILAR. Conheça Pilar. Disponível em: <https://pilar.al.gov.br/>. Acesso em: 30 ago. 2025.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PILAR. **Lei Municipal nº 757, de 14 de julho de 2020.** Denomina o Complexo Cultural e Religioso instalado no Santo Cruzeiro de Dilma Moreira de Mendonça Canuto e dá outras providências. Disponível em: <https://www.pilar.al.gov.br/assets/pdf/leis/2020/Lei%20n%C2%B0%20757%20Denomina%20o%20complexo%20Cultural%20e%20Religioso%20no%20Santo%20Cruzeiro%20de%20Dilma%20Moreira%20de%20Mendon%C3%A7a%20Canuto.pdf> Acesso em: 30 ago. 2025.

CASTELO, Gabriely. Restauração de cinema histórico resgata memória do povo pilarense. **Revista alagoana** [online]. Disponível em: <https://revistaalagoana.com/restauracao-de-cinema-historico-resgata-memoria-do-povo-pilarese/> Acesso em: 30 ago. 2025.

SANTOS, Milton. Uma necessidade epistemológica: a distinção entre paisagem e espaço. In: _____. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção.** 4. ed., 2. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. (Coleção Milton Santos; 1). p. 66-71.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado:** fundamentos teóricos e metodológicos da geografia. 6. ed., 2. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014. (Coleção Milton Santos; 10).

SIMIELLI, Maria Elena. **Geografia:** ensino fundamental – anos iniciais. 5º ano: manual do professor. São Paulo: Ápis Mais, 2023.

SOUZA, Maria Gabriela de Oliveira. **Equipamentos culturais no município de Pilar/AL, sua importância para a manutenção e valorização da cultura:** um estudo de caso sobre o Centro Cultural Mestra Bida. 2024. 48f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Dança) – Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2023. Disponível em: <https://www.repositorio.ufal.br/handle/123456789/13289>. Acesso em: 21 set. 2025.

BULGARELLI, Claudio. Pilar guarda história do tempo das capitâneas. **Tribuna hoje** [online]. Disponível em: <https://tribunahoje.com/noticias/interior/2018/10/12/30061-pilar-guarda-historia-do-tempo-da-s-capitanias>. Acesso em: 30 ago. 2025.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS DOCENTES

- 1) Você considera que a temática de estudo é relevante e adequada para ser trabalhada com estudantes do 5º ano?
- 2) Os exemplos, as atividades e o conteúdo da proposta são compreensíveis e atrativos para os estudantes?
 - a) Facilita a aprendizagem?
 - b) Que ou quais sugestão(ões) vocês dariam?
- 3) Como vocês avaliam a abordagem de “paisagem” no livro didático usado no município?
 - a) O caderno complementa ou repete o que já existe no livro?
 - b) O material pode dialogar com o livro didático?
 - c) Que aspectos do livro didático você sente que faltam e que poderiam ser incluídos no caderno?
 - d) Que estratégias vocês já utilizam para trabalhar o tema da paisagem?
- 4) O caderno é viável para ser usado nas condições reais de sala de aula (tempo, recursos, realidade dos estudantes)?
- 5) O caderno oferece informações e orientações suficientes para que um professor consiga desenvolver as atividades? Há necessidade de notas adicionais, exemplos práticos ou sugestões de adaptação?
- 6) Como o estudo da paisagem pode contribuir para o desenvolvimento da história, da cultura, da identidade, memória e do pertencimento local?

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Joseane Tenório dos Santos, RG 37485067,
CPF 122.698.00400, estou sendo convidado, como voluntário, a participar da pesquisa

que está sob a responsabilidade das pesquisadoras Ana Lúcia da Silva Guimarães e Elizabete Belarmino da Silva. Afirmo que estou ciente e que o presente estudo tem como objetivo geral analisar contribuições do Complexo Cultural e Religioso Dilma Canuto para explorar possibilidades educativas no ensino de Geografia no 5º ano do Ensino Fundamental, a partir da abordagem das transformações sociais, urbanas e culturais na cidade de Pilar.

Uma das etapas da pesquisa compreendeu a construção de um caderno de atividades pensado para o docente, estruturado para favorecer a contextualização dos conteúdos e aproximar os estudantes do espaço em que vivem. Nesse momento, estou ciente que a minha participação será no sentido de colaborar com o objetivo de validar e aperfeiçoar coletivamente as atividades educativas, fortalecendo o trabalho pedagógico e estimulando a reflexão crítica sobre o ensino de Geografia.

Também estou ciente de que os materiais, registros orais e/ou escritos produzidos por mim poderão ser utilizados na pesquisa, exclusivamente para fins científicos, sendo garantido o sigilo dos meus dados pessoais.

Assumo minha participação de forma voluntária, podendo desistir a qualquer momento, sem nenhum prejuízo.

Pilar - AL, 05 de Setembro de 2025

Joseane Tenório dos Santos

Participante da pesquisa

Ana Lucia de Silva Guimarães
Elizabete Belarmino da Silva

Pesquisadoras



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Aracelle de Lima e S. Calheiros, RG 3.677.366-AL
 CPF 03230802438 estou sendo convidado, como voluntário, a participar da pesquisa

que está sob a responsabilidade das pesquisadoras Ana Lúcia da Silva Guimarães e Elizabete Belarmino da Silva. Afirmo que estou ciente e que o presente estudo tem como objetivo geral analisar contribuições do Complexo Cultural e Religioso Dilma Canuto para explorar possibilidades educativas no ensino de Geografia no 5º ano do Ensino Fundamental, a partir da abordagem das transformações sociais, urbanas e culturais na cidade de Pilar.

Uma das etapas da pesquisa compreendeu a construção de um caderno de atividades pensado para o docente, estruturado para favorecer a contextualização dos conteúdos e aproximar os estudantes do espaço em que vivem. Nesse momento, estou ciente que a minha participação será no sentido de colaborar com o objetivo de validar e aperfeiçoar coletivamente as atividades educativas, fortalecendo o trabalho pedagógico e estimulando a reflexão crítica sobre o ensino de Geografia.

Também estou ciente de que os materiais, registros orais e/ou escritos produzidos por mim poderão ser utilizados na pesquisa, exclusivamente para fins científicos, sendo garantido o sigilo dos meus dados pessoais.

Assumo minha participação de forma voluntária, podendo desistir a qualquer momento, sem nenhum prejuízo.

Pilar - AL, 05 de Setembro de 2025

Aracelle

Participante da pesquisa

Ana Lúcia da Silva Guimarães
Elizabete Belarmino da Silva

Pesquisadoras



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Línia Jones da Silva, RG 30363039,
CPF 06752301441, estou sendo convidado, como voluntário, a participar da pesquisa

que está sob a responsabilidade das pesquisadoras Ana Lúcia da Silva Guimarães e Elizabete Belarmino da Silva. Afirmo que estou ciente e que o presente estudo tem como objetivo geral analisar contribuições do Complexo Cultural e Religioso Dilma Canuto para explorar possibilidades educativas no ensino de Geografia no 5º ano do Ensino Fundamental, a partir da abordagem das transformações sociais, urbanas e culturais na cidade de Pilar.

Uma das etapas da pesquisa compreendeu a construção de um caderno de atividades pensado para o docente, estruturado para favorecer a contextualização dos conteúdos e aproximar os estudantes do espaço em que vivem. Nesse momento, estou ciente que a minha participação será no sentido de colaborar com o objetivo de validar e aperfeiçoar coletivamente as atividades educativas, fortalecendo o trabalho pedagógico e estimulando a reflexão crítica sobre o ensino de Geografia.

Também estou ciente de que os materiais, registros orais e/ou escritos produzidos por mim poderão ser utilizados na pesquisa, exclusivamente para fins científicos, sendo garantido o sigilo dos meus dados pessoais.

Assumo minha participação de forma voluntária, podendo desistir a qualquer momento, sem nenhum prejuízo.

Pilar - AL, 05 de Setembro de 2025

Línia Jones da Silva

Participante da pesquisa

Ana Lúcia da Silva Guimarães
Elizabete Belarmino da Silva

Pesquisadoras